

VANTI DE NANETTO PIPETTA: ASPECTOS CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS DOS IMIGRANTES ITALIANOS NAS ORIGENS DO *STAFFETTA RIOGRANDENSE* - JORNAL *LA LIBERTÀ* (1909-1910)

Karine Marielly Rocha da Cunha¹
Mara Francieli Motin²
Diego Gabardo³

RESUMO

Este artigo propõe uma análise dos aspectos histórico-culturais e dos dialetos vênets presentes no jornal católico *La Libertà*. Este impresso é anterior ao *Staffetta Riograndense*, no qual publicaram-se os capítulos de *Nanetto Pipetta*, marco literário das línguas de imigração dos oriundos do Norte da Itália. Objetiva-se contextualizar a formação do *La Libertà* e mostrar o registro dos dialetos orais neste jornal, sobretudo em textos relacionados à religião, ao trabalho e à família, nos quais emergem representações dos colonos italianos. A pluralidade destes dialetos é também marcada pelo contato linguístico com o italiano e o português.

Palavras-chave: dialetos vênets, Nanetto Pipetta, Jornal *La Libertà*.

Introdução

A obra *Vita e stòria de Nanetto Pipetta*, de Aquiles Bernardi, com mais de 10 edições publicadas e vendidas até hoje, é descrita por muitos como um marco na língua

¹ Professora Associada II do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná (DELEM/UFPR). Pesquisadora do Centro de Estudos Vênets no Paraná (CEVEP) e membro do Núcleo de Estudos de Cultura e Língua de Herança (NuCLiH). E-mail: karinemarielly@ufpr.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5184-0558>

² Doutoranda em História da Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pesquisadora do Centro de Estudos Vênets no Paraná (CEVEP) e membro do Núcleo de Estudos de Cultura e Língua de Herança (NuCLiH). E-mail: maramotin@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7721-2798>

³ Pós-graduando em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pesquisador do Centro de Estudos Vênets no Paraná (CEVEP) e membro do Núcleo de Estudos de Cultura e Língua de Herança (NuCLiH). E-mail: diegogabardo@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1824-812X>

dialetal dos imigrantes italianos no Brasil. Rovílio Costa (1987, p. 388) a considera “[...] o indiscutível pivô literário do Dialeto Italiano do Rio Grande do Sul” e Confortin (1998, p. 33) demarca que:

Embora hoje a literatura escrita em dialeto italiano se constitua de inúmeras obras, todas com inestimável valor literário-lingüístico, salientamos a importância de **Nanetto Pipetta** porquanto foi com base nele que surgiu a **Gramática do Dialeto Italiano Rio-Grandense**, o **Vocabulário do Dialeto Vêneto** e, como decorrência, o **Dicionário do Dialeto Vêneto Sul-Rio-Grandense**.

A obra tem seus primórdios nas publicações de capítulos no jornal *La Staffetta Riograndense*, entre janeiro de 1924 e fevereiro de 1925. A partir desta baliza temporal, motivamo-nos a investigar se havia algo escrito em línguas dialetais de imigração italiana *vanti de Nanetto Pipetta*, particularmente no periódico em que ele circulava.

Ao mapearmos esse impresso gaúcho, percebemos que é o antecessor do *Correio Riograndense*. Porém, a trajetória histórica desse jornal começa em 13 de fevereiro de 1909, com a publicação do *La Libertà*, jornal católico, fundado em Caxias do Sul, conforme aponta Costa (1999).

No quadro 1, apresentamos uma sistematização da evolução onomástica, desde a fundação do jornal *La Libertà*⁴ até os dias atuais.

Quadro 1- Evolução dos nomes do periódico *La Libertà*

Nome do Periódico	Período de circulação
La Libertà	- de 13/02/1909 a 05/03/1910
Il Colono Italiano	- de 12/03/1910 a 21/06/1917
La Stafetta Riograndense	- de 05/07/1917 a 03/09/1941
Correio Riograndense	- de 10/09/1941 publicado inteiramente em língua portuguesa - de 02/09/2015 publicado também on-line - de 15/02/2017 inteiramente on-line

⁴ A grafia do título do Jornal *La Libertà*, ao longo das edições de 1909 e 1910, aparece ora com acento grave (̀), ora com acento agudo (´). No texto ocorrerá alternâncias, pois optamos por adotar a grafia presente nas edições analisadas.

Levantado o histórico desse periódico, selecionamos as suas primeiras 52 edições, entre 13 de fevereiro de 1909 e 05 de março de 1910, enquanto se denominava *La Libertà*.

Esse jornal, que teve na maior parte de sua existência a tipografia e impressão em Caxias, traz como seu berço a Região Colonial Italiana do Rio Grande Sul (RCI). O local, a partir de 1875, começa a receber levas de imigrantes italianos nas colônias Fundos de Nova Palmira (posteriormente chamada de Caxias, em 1876, com a inclusão do território de Nova Milano), Conde D’Eu e Dona Isabel. Com o advento da República, estes locais foram elevados à categoria de municípios, dando origem a Caxias do Sul (Colônia Caxias) e Bento Gonçalves (Dona Isabel e Conde d’Eu). Esse último, em 1900, foi redividido em Garibaldi e Bento Gonçalves. Ao longo do século XX, houve a emancipação de outros distritos dessa região. Além destas três primeiras colônias, em 1877, temos a quarta Colônia do Rio Grande do Sul, denominada Silveira Martins, próxima a Santa Maria. Mesmo esta última não tendo proximidade geográfica com as três primeiras, juntas elas formaram o núcleo básico da imigração italiana no Rio Grande Sul (LUCHESE, 2007; CONFORTIN, 1998).

Por esta delimitação geográfica, conseguimos mapear a proveniência dos imigrantes que adentraram nas terras gaúchas, principalmente nas décadas finais do século XIX, sendo o seguinte percentual: “Vênnetos - 54%, Lombardos - 33%, Trentinos - 7%, Friulanos - 4,5% e outros - 1,5%” (FROSI, MIORANZA, 1975, p. 52 apud CONFORTIN, 1998, p. 45). Esses números são indicadores de aspectos linguísticos e culturais dos imigrantes nas colunas do jornal *La Libertà*.

A propósito de aspectos linguísticos, utilizaremos neste artigo os termos *língua italiana*, *língua portuguesa* e *dialetos*, este último, para nos referirmos às línguas de imigração italiana, prevalentemente vênnetas, presentes no sul do Brasil e utilizadas no jornal. Hoje em dia, porém, o termo utilizado para se referir a estas línguas de imigração é o *Talian*, o qual aceitamos e adotamos em outros trabalhos.

Neste, todavia, não o utilizamos porque estamos tratando de um período histórico no qual o termo *Talian* ainda não havia sido cunhado. E, com esse trabalho, gostaríamos de mostrar que já existia uma produção dialetal antes do folhetim de Nanetto Pipetta no mesmo jornal em que ele foi publicado, porém no período em que era conhecido como *La Libertà*. Estes registros revelam a riqueza linguística da época e o

contato linguístico já existente entre estes dialetos dos imigrantes italianos, o português e o italiano.

Diante de tal contexto, este artigo propõe-se a analisar as línguas de imigração italiana, diferentes do italiano, utilizadas neste impresso, com o objetivo de identificar traços culturais e linguísticos desta etnia. Para isso, entendemos a língua como parte de uma cultura ordinária, em que pela astúcia dos sujeitos em se adaptar ao novo local (CERTEAU, 2014), galgam representações. Porém esta construção acontece em um contexto de imigração e as adaptações não se darão de qualquer maneira. O historiador Ginzburg (2006, p. 20) nos lembra que, “assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”. Sob essa perspectiva, adentramos no universo do *La Libertà*, suas histórias e escritas, entre Brasil e Itália, entre Igreja e comunidade.

Os primórdios da imprensa católica em Caxias do Sul

A imprensa católica surge no Brasil em 1880, no contexto de reforma da Igreja que, segundo Zugno (2017, p.18-19), pretendia implementar “novas formas que representassem a fé católica”, tirando a Igreja do domínio do Estado e purificando-a “dos elementos do catolicismo popular não acordes ao modo romano de ser católico”, uma espécie de imprensa catequisante.

Em Caxias do Sul, esse tipo de imprensa remonta também ao final do século XIX e surge como resposta aos impasses entre a maçonaria, os defensores da política republicana rio-grandense e a Igreja Católica. Em 1898, o padre Pietro Nosadini, vigário local desde 1896, fundou o *Il Colono Italiano* como resposta às provocações recebidas do periódico *O Caxiense*, primeiro jornal daquela cidade, defensor da política republicana. Caxias passa a ter então dois jornais antagonistas ideologicamente. Porém, a vida do impresso católico foi breve e ele circulou, sem muita aceitação, de 1º de janeiro a 21 de agosto de 1898. Em dezembro do mesmo ano, seu fundador, Pe. Nosadini, voltou para a Itália.

Em 1904, quando da visita de Don Giovanni Scalabrini, Bispo de Piacenza e Superior dos Missionários de São Carlos (Congregação Scalabriniana), o frei francês

Bruno de Gillonnay, coordenador da missão dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, relata-lhe o anseio e a importância de se investir numa imprensa local:

Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos. (GILLONNAY, 1976, p. 247 apud COSTA, 1999, p. 492)

A visita de Don Scalabrini a Caxias foi organizada pelo vigário local, Pe. Carmine Fasulo, que possivelmente percebeu a mesma necessidade. Foi a partir da iniciativa desse vigário que, em 1909, um novo periódico católico foi lançado em Caxias: *La Libertà*; voltado para os colonos da região e escrito em italiano, português e dialetos vênnetos.

O jornal *La Libertà*

Antes mesmo de ter impresso o primeiro exemplar do *La Libertà*, o que aconteceu aos 13 de fevereiro de 1909, seu idealizador, Pe. Carmine Fasulo encaminhou cartas para o clero e para os leigos, em novembro de 1908, falando de sua ideia em criar um jornal católico e verificando se haveria adesão deles a este projeto. Foi a partir de vários retornos entusiásticos que essa ideia se concretizou. Dessa forma, surgiu “[...] um jornal catholico, e, portanto, destinado á defeza do catholissismo e dos interesses da igreja” (GAZETA COLONIAL, 21 de novembro de 1908, p.2).

Azzi (1988), no entanto, aponta que o nome *La Libertà* evidenciava a simpatia de Pe. Carmine Fasulo com o movimento de unificação italiana. Questionamo-nos sobre esta afirmativa, já que essa frente política propagava a língua de Dante e um veículo de comunicação dirigido por um de seus adeptos dificilmente proporcionaria espaço para uma coluna escrita em dialeto, como veremos adiante. Valduga (2007) lembra que, conforme relata o próprio jornal “a liberdade é entendida apenas como liberdade em Cristo e, como sua palavra emana da suprema autoridade de Roma, é nela que o jornal se apoiará.” (VALDUGA, 2007, p. 82). Outro fato que nos faz descartar esta hipótese, é a intriga criada com o periódico *Stella d'Italia*, de Porto Alegre, que acusava o *La Libertà* de ter difamado, em sua primeira edição, a pátria italiana na coluna em português “Sopa

dos frades”, fato que rendeu troca de acusações entre os dois impressos durante todo o ano de 1909. Valduga (2007, p. 84-85) traz que “o patriotismo do católico italiano era diverso daquele dos italianos oficiais”. Nesse sentido, “Patriotismo e Cristianismo encontram-se, justificam-se um ao outro; para o jornal, os italianos eram o segundo povo eleito”. Dadas essas premissas, entendemos que o campo de disputa da manutenção da italianidade se dava entre nacionalistas e católicos.

Pe. Carmine Fasulo, por motivos de saúde, deixou Caxias no início de maio de 1909 e vendeu seu jornal para o novo vigário, Pe. Francesco Baldassarre, que já era colaborador do *La Libertà*. A mudança aconteceu na 13ª edição, em 08 de maio daquele ano. A partir da 43ª edição, publicada em 04 de dezembro do mesmo ano, Pe. Carmine adquiriu novamente os direitos do jornal.

Como pudemos constatar, o primeiro ano deste veículo de comunicação foi marcado por muitas intrigas pessoais, inclusive entre os padres que o dirigiram. Assim Pe. Francesco Baldassarre, na edição de número 43, desabafa: "a noi basta dichiarare di aver ceduta la tipografia a titolo pure di carità e carità cristiana e far conoscere che nel nostro petto non alberga un cuore che ami gioire sulle sventure altrui ma solo reclamare i nostri dritti e nulla piu."⁵ (LA LIBERTÀ, 04 de dezembro de 1909, p. 2).

Percebe-se durante várias edições a insistência da afirmativa de que os pagamentos deveriam ser enviados ao Pe. Francesco e que Pe. Carmine não era mais o proprietário do jornal. Este fato nos deixa um questionamento sem resposta: teria este último sacerdote recebido valores referentes às assinaturas, mesmo depois da venda da tipografia e seria este um dos motivos do descontentamento de Pe. Baldassarre quanto aos seus direitos?

No entanto, cabe-nos apenas apontar que Pe. Carmine conduziu o jornal por somente mais 2 edições, as de número 43 e 44, sendo este último impresso em 11 de dezembro de 1909. No final do mesmo ano, o sacerdote vendeu novamente o jornal, passando-o à direção de Pe. Giovanni Fronchetti, que o transferiu para Garibaldi/RS, mantendo o mesmo nome nas edições de 15 de janeiro a 05 de março de 1910. A partir de 12 de março, edição de número 53, o impresso recebeu a denominação de *Il Colono Italiano*, possivelmente como estratégia para se distanciar das polêmicas em que o *La*

⁵ “basta-nos declarar de haver cedido a tipografia por caridade e caridade cristã e tornar público que no nosso peito não habita um coração que ama se exaltar sobre as desgraças dos outros, mas somente reivindicar os nossos direitos e nada mais.” (tradução nossa).

Libertà se envolveu durante seu primeiro ano de existência e, talvez, como afirma Zugno (2017, p.18) “para quem sabe homenagear Pe. Nosadini, o criador do primeiro e breve jornal *Il Colono Italiano*”. Essa mudança de nome teve um prelúdio na edição de 15 de janeiro de 1910, sob o número 45, na qual Pe. Baldassarte, na coluna “*Due parole ai nostri cortesi lettori*”, escreve: “[...] ‘La Libertá’ sarà per eccellenza *l'amico*, il *consigliere*, la *difesa del colono*”.⁶ Curiosamente esta frase parece-nos uma referência direta ao homônimo jornal *Il Colono Italiano*, de 1898, em cuja primeira edição constava: “‘Il Colono Italiano’ sarà *l'amico*, il *consigliere*, la *guida*, l'*avvocato dei cattolici italiani emigrati in Caxias e nelle Colonie circonvicine* [...]”⁷ (IL COLONO ITALIANO, 01 de janeiro de 1898, p.1).

Dessa forma a trajetória editorial de *La Libertà*, jornal católico idealizado e dirigido inicialmente por Pe. Carmine Fasulo, passa por Pe. Francesco Baldassarre, seu proprietário na maior parte do tempo e retorna ao Pe. Carmine. Por fim, é vendido ao Pe. Giovanni Fronchetti.

Após essa contextualização, partimos para a análise da estrutura deste intrigante periódico e, posteriormente, faremos uma análise das colunas em que se constatou a presença de dialetos oriundos da imigração italiana nestas localidades.

Análise da estrutura do Jornal *La Libertà*

La Libertà foi um impresso semanal de 4 páginas, redigido em italiano, com uma seção em português (Secção Portuguesa) e, na maioria dos números, uma coluna em variantes do dialeto vêneto, como mostraremos mais adiante com o quadro 2. Esse jornal trazia notícias locais (de Caxias), regionais (Porto Alegre), nacionais e internacionais privilegiando acontecimentos italianos, que apareciam na coluna *Per il mondo*. No cabeçalho, além do título, o periódico apresentava o endereço da redação, a localidade de circulação (Caxias), a data, edição, ano e tipografia onde era impresso.

De acordo com Cunha (2016), o jornalismo praticado até o início do século 20 era o jornalismo opinativo, notadamente panfletário, no sentido de servir para difundir opiniões do grupo que controlava a publicação. Não havia, naquela época, interesses

⁶ ‘La Libertá’ será por excelência o amigo, o conselheiro, a defesa do colono. (tradução nossa)

⁷ ‘Il Colono Italiano’ será o amigo, o conselheiro, o guia, o advogado dos católicos italianos emigrados em Caxias e nas Colônias ao redor. (tradução nossa)

comerciais, ou seja, o jornalismo não visava ao lucro econômico, mas ao lucro político, ideológico. Os ideais de pluripartidarismo, de imparcialidade (ainda que saibamos que ela é inalcançável), não eram ideais da época. Por isso, na página 1, logo no início da primeira coluna, vem a informação que não serão publicados textos contrários ao que o jornal pensa. Quanto à questão financeira, a preocupação constante em diversas edições com o pagamento das assinaturas nos faz pensar que elas serviam ao menos para custear despesas com as impressões, o maquinário e a equipe responsável pela tipografia.

La Libertà apresenta um projeto gráfico simples, característico de publicações do início do século XX. A diagramação, ou seja, a disposição das informações textuais e pictóricas, mudava de uma edição para outra, em um processo de *fazer caber* o texto no espaço de impressão. Na maioria das páginas de todas as 52 edições, o jornal apresentava seis colunas. Porém, nas páginas três e quatro havia somente três colunas em um terço final da página, onde era disposta a seção *Appendice*, a qual trazia, em doses homeopáticas, capítulos de livros. Foi o caso de *Una Vocazione Tradita - Memorie Storiche* de Carlo Viglietti, publicado em livro pela primeira vez na Itália/Turim, em 1891, e de *La Vestale* de Antonietta Klitsche de La Grange, publicado em livro, em 1895, também na Itália/Milão. Como, na época, era comum o uso de folhetins em jornais, denominamos a aparição dessa literatura nesse jornal de folhetim. A primeira obra esteve presente no jornal da edição nº 2 até a edição nº 24 que traz também o início de um folhetim intitulado *La sola Bibbia*, com conclusão na edição nº 39. A obra de La Grange tem uma publicação muito breve (edição nº 40 a nº 42) e com a aparição incompleta do último capítulo publicado. Da edição nº 44 até a nº 52 optou-se pela publicação do folhetim *Dalle spine la rosa - Bozzetto storico - pubblicato dalla civiltà Cattolica*. Percebemos então um folhetim de tipo católico, como eram declarados os princípios do jornal.

Há também a seção de serviço, embora não apresente constância entre as edições, a qual traz o horário ferroviário com a indicação de todas as paradas de Garibaldi (Santa Luiza) a Porto Alegre, assim como as indicações cambiais e os preços dos gêneros de primeira necessidade e de produção na colônia como trigo, carne de porco, feijão, milho, ovos, vinho nacional entre outros.

A última página do jornal é a que mais sofre alterações no decorrer das edições. Percebe-se que ela se comporta como se fosse o que hoje em dia chamamos de

classificados com anúncios, inicialmente muito tímidos e pequenos, relacionados sobretudo a venda de terras. Em algumas edições esses anúncios são mais abundantes que em outras e trazem propaganda de motores e máquinas para a agricultura em geral, bebidas como a Fernet-Branca e um apelo ao leitor para se tornar um assinante do jornal “abbonatevi alla libertà unico giornale italiano cattolico in questo stato”⁸ (LA LIBERTÀ, 05 de março de 1910, p. 4).

La Libertà: para além da religião, do trabalho e da família

O conteúdo do jornal *La Libertà*, especialmente aquele produzido em línguas de imigração, abarcava o cotidiano e as *artes de fazer*, citando parte do título da obra de Certeau (2014), de sujeitos ordinários, que haviam chegado na região de colonização e estavam se adaptando ao novo local e sendo pensados na escrita de um jornal. É possível problematizar essa escrita no mínimo trilingue (sem contar as variações dos dialetos), com a orientação de Frei Bruno de Gillonnay, na visita de Scalabrini, em 1904, sobre uma imprensa católica, adaptada às necessidades dos colonos e em língua materna. Mas qual seria essa língua materna? Pe. Carmine Fasulo que organizou a visita de Scalabrini ao seu jornal utilizou-se, junto a seus colaboradores, das línguas oficiais (italiano e português), mas também das línguas do homem ordinário, para difundir o catolicismo, ampliando o alcance do periódico, ou até mesmo agradando aos colonos com a sua verdadeira língua materna: o dialeto.

Sob esta ótica, o primeiro número do *La Libertà* utiliza-se da coluna intitulada *Dialogo in dialetto veneto tra Ilarino e Simplicio*, para motivar os colonos a assinarem o jornal:

La te troverà cose de religion, sui boni costumi, qualche bon consiglio, qualche istruzion de agricultura, notizie dela nostra patria l'Italia, del Brazil, e altre cognizioni util, bei fati curiosi; tute cose insoma, bone par i veci e par i zoveni, par i genitori e par o fioi. Un bon foglio é proprio necessario.⁹ (LA LIBERTÀ, 13 de fevereiro de 1909, p. 04)

⁸ “Assine La Libertà, único jornal italiano católico neste estado” (tradução nossa).

⁹ Lá você encontrará coisas de religião, sobre os bons costumes, alguns bons conselhos, algumas instruções agrícolas, notícias de nossa pátria, a Itália, do Brasil e outros conhecimentos úteis, belos fatos curiosos; todas as coisas, em resumo, boas para os velhos e para os jovens, para os pais e para seus filhos. Um bom jornal é realmente necessário. (tradução nossa)

No terceiro número, na coluna *Da Bento Gonçalves - Dialogo in dialetto visentin trà Checo, Bepo e Nane*, surge um novo apelo, vindo de uma cidade/colônia vizinha, Bento Gonçalves, demarcando a importância do jornal, do seu papel como meio de mantê-los informados e, também, mostrar o seu alcance.

Parchè le un sfogio novo, che trata: prima de religion, pó de gricoltura, el spiega el vangelo, el conta tante cosette bone, el fa saver le novità delle colonie visine, el da a nualtri poari contadini dei boni cosegi; insoma quel lá el gera proprio el giornal che ghe volea per le colonie.¹⁰ (LA LIBERTÁ, 27 de fevereiro de 1909, p. 02)

Nesta mesma coluna, ainda temos a evidente preocupação da transmissão dos preceitos católicos e das práticas religiosas às novas gerações.

dopo che semo vignisti in tel Brazile ghemo desmentegá tutto, anca el Padre Nostro che ne ga insegná le nostre mare, poarete: Sti fioi pó i vien su come tanti zucchi. Parleghe de S. Martin, de S. Antonio, di S. Marco, cosa sai luri? El me Gigio l'altro dì el ga dito un sproposito, el me ga domandà se S. Marco vien de Lugio. Pori tusi! Luri i va in Cesa, ma critu che i sapia gnente de quel che fa o dise el prete? Sito mato! Dio sa aonde che i pensa. Tel cavallo tordigio, tela mula pangarè, tel facon, tela cartucera, tel faziol rosso che i ga desmentegá a casa, in tel balo che i ga far tel tal posto, ecetera.¹¹ (LA LIBERTÁ, 27 de fevereiro de 1909, p. 02)

A Igreja era reguladora da moral e da vida social dos colonos e condenava abertamente os bailes, principalmente para as mulheres. Esta repreensão se faz presente também no número 44, na coluna *Morta dopo el balo*: “La Marieta convalessente ga balà: el balo la ga fata tornar indrio de gran alè. La Marieta xe morta dopo el balo, causa del balo e anca senza Sacramenti. Gesumaria.”¹² (LA LIBERTÁ, 11 de dezembro de 1909, p. 02)

¹⁰ Porque é um jornal novo que trata: primeiro de religião, depois de agricultura, ele explica o Evangelho, conta tantas coisinhas boas, faz saber das novidades das colônias vizinhas, ele dá a nós, pobres colonos alguns bons conselhos; enfim aquele era mesmo o jornal que se queria para as colônias. (tradução nossa)

¹¹ depois que viemos ao Brasil, esquecemos tudo, até o Pai Nosso que nos ensinaram as nossas mães, pobrezinhas: Estes filhos depois crescem como muitos ignorantes. Fale-lhes de São Martinho, de Santo Antônio, de São Marcos, o que eles sabem? O meu Luizinho outro dia me disse uma besteira, ele me perguntou se São Marcos comemora-se em julho. Pobres crianças! Eles vão à Igreja, mas acredito que não saibam nada daquilo que faz ou diz o padre? Está louco! Saiba Deus onde estão pensando. No cavalo tordilho, na mula pangaré, no facão, na cartucheira, no lenço vermelho que esqueceram em casa, no baile que farão em tal lugar etc. (tradução nossa)

¹² “A Mariazinha se recuperando de uma doença dançou: o baile a fez voltar atrás de vez. A Mariazinha morreu depois do baile, por causa do baile e sem os Sacramentos. Jesus, Maria.” (tradução nossa)

Percebemos que estas colunas escritas em dialetos dos mais variados são carregadas de lições de moral, ressaltando a boa índole que se devia sempre buscar. No número 27, na *Come se ravvede un ciucheton - in dialetto padoan*, por exemplo, o colunista usa os personagens para mostrar a desaprovação do consumo excessivo de álcool, que conseqüentemente tornava o homem mais violento e o levava a desestruturar sua família, endividar-se, brigar com os vizinhos e, enfim, distanciar-se de ser um bom católico.

Ma adesso che si vegnú in tel Brasil e che el Signore ve ga dá tanta grazia e tante fortune, a ghi coragio de imbrigarve, e dopo, bastonare la donna, farla scampare in te capuere de note, bestiamiar el nome del Signore, fare dele malatie, magnar fora quel poco de ben, far debiti sora debiti, far barufa coi visini e dar scandalo ai vostri fioi.¹³ (LA LIBERTÀ, 14 de agosto de 1909, p. 02)

Em vários trechos estão presentes os pilares desta cultura imigrante italiana: religião, trabalho e família, evidenciados sobretudo na língua destes sujeitos, materializando o falar coloquial, que é um fazer ordinário, nas páginas deste impresso. Dessa forma, entendemos que a língua também pode ser considerada um pilar desta cultura, utilizada pelo jornal para se aproximar do seu público-alvo: os colonos.

A presença dialetal em *La Libertà*

O espaço dedicado no jornal *La Libertà* para os dialetos variava de uma a três colunas. Apresentamos a seguir, de forma resumida e esquematizada, um quadro com o elenco destes textos, contendo a data de publicação, o número da edição do periódico, o título da coluna, o nome de quem a assina e a página em que constava impresso.

Quadro 2- A presença dialetal no periódico *La Libertà*

Data	Edição	Nome da coluna	Quem assina?	página
13/02/1909	1	Dialogo in dialetto veneto tra Ilarino e Simplicio	não possui	4
27/02/1909	3	Da Bento Gonçalves - Dialogo in dialetto visentin trà Checo, Bepo e Nane	Nane de l'Orto	2
06/03/1909	4	Dialago - Come Ilarino corege la ciarliera moglie de Simplicio	Titta	2

¹³ Mas agora que viestes ao Brasil e que o Senhor vos destes muitas graças e muita fortuna, tendes coragem de vos embriagar, e depois, bater na esposa, fazê-la fugir para as capoeiras de noite, blasfemar o nome do Senhor, fazer maldades, torrar os poucos bens, fazer dívidas sobre dívidas, brigar com os vizinhos e escandalizar vossos filhos. (tradução nossa)

13/03/1909	5	Dialago - Si seguita a contar come Ilarino corege la donna de Simplicio dal vazio dela loquacità	Titta	3
20/03/1909	6	Segue el dialogo	Titta	2
27/03/1909	7	Da Bento Gonçalves - Ai carissimi lettori della "Libertá" ma in modo speciale ai nostri buoni coloni	Nani Dell'Osto	2
03/04/1909	8	Cara "Libertà"	Niripo	2
10/04/1909	9	Dialogo - Ilarino, Simplicio e Aristarco (rasurado)	não possui	2
17/04/1909	10	Dialogo fra Ilarino e Simplicio - Come Ilarino riconcilia due cognate	não possui	2
24/04/1909	11	Dialogo fra Ilarino e Simplicio - Come Ilarino riconcilia due cognate	não possui	2
01/05/1909	12	Dialogo in dialetto di Fonzaso tra pare fiol e nora (dal vero)	Geppe	2
05/06/1909	17	Battendo sulla porta, tuch, tuch - Avanti.	Geppe	2
12/06/1909	18	Du fabrissieri anglicani e na tempesta de fighi - A me compare Martin padoan	Toni Barca	2
19/06/1909	19	Du fabrissieri anglicani e na tempesta de fighi - A me compare Martin padoan	Toni Barca	2
26/06/1909	20	Du fabrissieri anglicani e na tempesta de fighi - A me compare Martin padoan	Toni Barca	2
03/07/1909	21	Du fabrissieri anglicani e na tempesta de fighi - A me compare Martin padoan	Toni Barca	2
10/07/1909	22	Du fabrissieri anglicani e na tempesta de fighi - A me compare Martin padoan	Toni Barca	2
17/07/1909	23	Come se ravvede un ciucheton - in dialetto padoan	On padoan	2
24/07/1909	24	Come se ravvede un ciucheton - in dialetto padoan	On padoan	2
31/07/1909	25	Come se ravvede un ciucheton - in dialetto padoan	On padoan	2
14/08/1909	27	Come se ravvede un ciucheton - in dialetto padoan	On padoan	2
21/08/1909	28	El caractere	Bepo	1
28/08/1909	29	Quando xe, done, ca fe giudizio?	Mastro Pepe	2
04/09/1909	30	La seda	Fossaragna	2
11/09/1909	31	Liberta'	Camolin	1 e 2
18/09/1909	32	Franklin	Masera	2
25/09/1909	33	Istruimo el Popolo	Marco	2
02/10/1909	34	El Barometro	não possui	2
09/10/1909	35	El faro dei porti	não possui	2
30/10/1909	38	I frati e i cani di San Bernardo	não possui	2
06/11/1909	39	I frati e i cani di San Bernardo	não possui	2
13/11/1909	40	El dialogo del zorno	d.a.p	2
20/11/1909	41	La festa co gera putelo mi... e anquó!	Lengua sceta	2
27/11/1909	42	Un dialogo de stagion	Lengua s-ceta	2
04/12/1909	43	Cussi bisogna far!	Lengua s-ceta	2
11/12/1909	44	Morta dopo el balo	Musoduro	2
05/03/1910	52	Xe la tabela che fa il morto	não possui	2

O quadro identifica a presença dialetal no impresso *La Libertà* em 37 das suas 52 edições. A coluna que apresentava as línguas de imigração encontrava-se, prevalentemente, na página 2 das 37 edições, o que era um sinal para o leitor habitual encontrar a terceira língua que o jornal utilizava para se expressar.

Os textos dialetais apresentados por esse impresso geralmente eram assinados por pseudônimos diferentes. Porém, mesmo com esse anonimato consentido pelo jornal, havia uma chancela e cuidado no que era publicado, uma vez que a maior parte das edições trazia em seu cabeçalho a seguinte informação: “Non si accettano scritti contrarii allo spirito del giornale o di polemica personale. I manoscritti anche non pubblicati, non si restituiscono. Le lettere non affrancate si respingono. - Non si tien conto degli anonimi”.¹⁴

Dialetos vênetos, italiano e português: a escrita plural de línguas em contato

Analisando os nomes das colunas apresentadas no quadro 2, constatamos que havia a percepção de quem escrevia em relação à diversidade dialetal presente na RCI. Essa diversidade era explicitada na nomeação de algumas colunas do periódico *La Libertà*. Exemplificamos trazendo o título da coluna da primeira edição: *Dialogo in dialeto veneto tra Ilarino e Simplicio*; o da edição nº 3 *Da Bento Gonçalves – Dialogo in dialeto visentin trà Checco, Bepo e Nane*, o da edição nº 12 *Dialogo in dialeto di Fonzaso tra pare fiol e nora* e o da edição nº 22, *Come se ravvede un ciucheton – in dialeto padoan*. A identificação de quatro dialetos: o vêneto, o vicentino, o de Fonzaso (feltrino) e o padovano, não significa, porém, que as pessoas que os identificavam tinham uma noção clara da classificação desses falares que foi feita mais detalhadamente somente mais tarde por alguns estudiosos, entre eles Zamboni (1974). A nomeação dos dialetos no jornal prestava-se mais a indicar a proveniência de quem escrevia aquela coluna do que a identificar características linguísticas daquela escrita.

Dada a diversidade da escrita dos textos e as assinaturas deles, como já apontamos anteriormente, inferimos que ela não provinha de um único sujeito. Além disso, é possível que não fossem apenas os clérigos locais os responsáveis pelas colunas

¹⁴ “Não se aceitam textos contrários ao espírito do jornal ou de polêmica pessoal. Os manuscritos, mesmo não publicados, não serão devolvidos. As cartas sem selo postal são rejeitadas. Não serão considerados os anônimos”. (tradução nossa)

do jornal, mas sim que os colaboradores fossem pessoas comuns. A edição 22, por exemplo, traz que o impresso circulava em diversas cidades, inclusive para além das terras gaúchas, tendo a atuação de diversos religiosos, além da contribuição de 15 leigos (LA LIBERTÀ, 10 de julho de 1909, p. 1-2).

Possivelmente, a diversidade dialetal nas colunas refletia a diversidade das línguas na região de circulação do jornal. Nas colunas, percebemos vários sujeitos registrando graficamente e de modos distintos a escrita dialetal. A não *uniformidade* nas colunas, remete à pluralidade a partir das singularidades de seus autores, e a cultura ordinária, como lembra Certeau (2013), é a ciência prática do singular, “[...] de tipos de operações e de registros, que coloca em cena e em ação um fazer-com, aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares” (CERTEAU, 2013, p. 341). Esses atores particulares, que encontramos nas colunas dos jornais, demonstram as diversas variantes das línguas de imigração, institucionalizando uma maneira de escrever que não era única. Reverberam também nos seus conteúdos algumas das práticas do homem ordinário, comum, da colônia, que em sua fala usava essa língua de imigração, junto ao contato com outras línguas no novo local, adaptando-se ao momento histórico. Ao estruturar um jornal com esse formato e com essas relações com as línguas desses sujeitos, podemos criar a hipótese de algumas das intencionalidades do impresso, de aproximação dos colonos, na difusão dos princípios católicos, amparado nos modos campestres desses imigrantes e descendentes.

A pluralidade de escrita e de colaboradores do jornal, faz-nos ir de encontro ao que afirma Confortin (1998, p. 32): “como não há letrados entre os leigos, a produção literária, neste segundo período, vai ser feita pela cultura clerical”. Certamente, a Igreja Católica exerceu um papel importantíssimo na manutenção da cultura italiana (COSTA, 1987), mas não podemos deixar de dizer que pessoas comuns também ajudaram a enriquecer este repertório, principalmente no que se refere ao registro escrito de falares dialetais. Além disso, um jornal que afirmava, na edição 22, ter 1300 leitores, é um indício de que as colônias eram formadas por pessoas letradas.

Não podemos esquecer que outras pesquisas apontam para a formação escolarizada dos filhos desses imigrantes, tendo sim entre eles letrados e, também, o contato com a cultura italiana. Trento (1989), por exemplo, aponta 47 escolas no Rio Grande do Sul, em 1908, subsidiadas pelo Governo Italiano, ou seja, ensinava-se a língua

e a cultura italianas. Luchese (2012) ainda demarca que nas colônias Dona Isabel, Conde d'Eu e Caxias houve iniciativas de promoção da escolarização, envolvendo tanto representantes da Igreja Católica, como agentes diplomáticos italianos, autoridades municipais e estaduais, além de lideranças da própria comunidade. Neste mesmo artigo a pesquisadora questiona muitos dos trabalhos envolvendo a história da imigração italiana, com autores consagrados, sobre essa afirmação estereotipada do analfabetismo.

Vale salientar que o discurso dos pobres e miseráveis analfabetos, expulsos da Pátria de origem que, por serem trabalhadores disciplinados, ordeiros, pautados nos valores da fé, venceram e fizeram a América precisa ser repensado. A narrativa da epopéia italiana produz uma materialidade que precisa ser desmontada. (LUCHESE, 2012, p. 671)

Este panorama também vai de encontro com a afirmação de Costa (1987, p. 338), a qual relata que uma estratégia posteriormente utilizada pelos capuchinhos, quando assumiram a direção total do Jornal, em 1917, foi “descer ao nível do povo [adotando os dialetos na comunicação], inculturando-se, para depois caminhar com o povo para sua elevação cultural”. A multiplicidade de escolas existentes nas antigas colônias, entre públicas, católicas e italianas demonstra a diversidade cultural que estes sujeitos tinham nos seus entornos.

Pensando na diversidade dialetal que estava presente no contexto por nós abordado e na cultura italiana e brasileira em contato, citamos Weinreich (2008, p. 9) que considera o contato linguístico, seguindo alguns antropólogos, como somente uma das tantas formas de contato cultural e “l’interferenza linguistica come un aspetto della diffusione culturale e dell’acculturazione”.¹⁵

É a propósito de interferências (ou influências) linguísticas, que apontamos aqui alguns dados da nossa análise. Do ponto de vista ortográfico, é evidente o contato da língua portuguesa com a italiana utilizada pelo jornal a julgar pela variação, já citada aqui em nota de rodapé, entre o acento grave (̀) e o agudo (´) no título do periódico: ora *La Libertà*, ora *La Libertá*. A questão ortográfica é recorrente em todas as edições do jornal e amplia-se sobretudo para a acentuação de forma portuguesa (acento agudo) dos verbos em italiano, conjugados no futuro, que resultam oxítonos como *sará*, *risveglierá* e *fará*.

¹⁵ “a interferência linguística como um aspecto da difusão cultural e da aculturação.” (tradução nossa)

Ainda em relação à acentuação, percebemos interferência do português também na parte dialetal do jornal, na grafia de palavras como: *istá, ciapá, novitá, parché, diró, insegná, fé e staró*, todas com acento agudo.

A língua italiana apresenta também a sua interferência para a representação escrita dos dialetos quando constatamos uma alternância de palavras grafadas com consoantes duplas, uma característica italiana, em relação a consoantes simples, característica dos dialetos vênets: *della, dalle, settimana, cattolico, belle, tutte/tutti/tutto, cosette, zucchi, alla, sulla, ricchezza, accetar, attestare, benedetta, vantaggi, raccomandare, latte, nell'anima*. Percebemos também nos textos a sobreposição de palavras italianas às dialetais como *affinchè, uomo e noi*. Essa interferência é vista nas edições de nº 4 a 6 talvez por tratar-se de um diálogo entre o patrão que usa mais palavras em italiano que em dialeto em relação à fala do empregado que é prevalentemente em dialeto. Já na edição nº 20, constatamos o capital simbólico (BOURDIEU, 2004) da língua italiana quando o diálogo estabelecido entre o bispo protestante e sua esposa desenvolve-se nessa língua.

Ainda sobre a influência da língua italiana, mas agora do ponto de vista morfológico, verificamos a construção do *passato prossimo* com a estrutura e o léxico do italiano, ou seja, uma construção analítica com o uso do verbo *avere* em algumas passagens. Exemplificamos com uma frase da edição nº 6 “Quela note stessa *l'ho visto mi coi me oci*”¹⁶ (LA LIBERTÁ, 20 de março de 1909, p. 02) e outras ocorrências da mesma edição: *ha mai sentì /l'ha inventá/ ha trová/ ha portada/ hano trovato / hano jutá*. Se os exemplos apresentados não tivessem a interferência do italiano o que teríamos em dialeto seria mais ou menos: *l'ho visto mi coi me oci > mi lo go visto co i me oci; ha mai sentì > ga mai sentì; l'ha inventá > la ga inventà; ha trová > ga catà; ha portada > ga portà; hano trovato > i ga catà; hano jutá > i ga giutà*.

A escrita em dialeto no jornal era vista como importante, pois era uma forma de atingir toda a comunidade imigrante, fosse ela leitora da língua italiana ou conhecedora de um determinado dialeto. Este fato é percebido na edição nº 17 quando, para não denegrir a imagem da Igreja, decidem deixar claro, em dialeto, os motivos da substituição do Pe. Carmine por outro pároco. O diálogo intitulado *Battendo sulla porta, tuch, tuch - Avanti* apresenta dois amigos conversando sobre uma carta lida, provavelmente em italiano,

¹⁶ “Aquele mesma noite o vi com meus olhos” (tradução nossa)

durante a última missa em que se explicava a situação. Um personagem então explica ao outro o conteúdo e esse último diz: "Ben, mi, dirtelo en lingua talgiana no me mette, ma al nostro dialeto me par de aver capí tut"¹⁷ (LA LIBERTÀ, 05 de junho de 1909, p. 2).

A transposição de vocábulos italianos por alguns dialetais, como vimos nas colunas analisadas, acontece também com vocábulos da língua portuguesa: *modestia a parte, quistionar e até logo* (LA LIBERTÀ, 3 de abril de 1909, p. 2).

Percebemos assim que aquilo que era escrito nas colunas em dialeto era muitas vezes a transposição do falar cotidiano. Porém, para isso era necessário um mínimo de conhecimento dessa língua oral já escrita, o que nos leva a crer que ao menos uma parte dos colonistas havia tido, em algum momento, acesso aos dialetos vênetsos escritos. Chegamos a essa conclusão pois a decodificação de alguns sons dialetais, como o *xe*, nunca teria a representação gráfica na língua portuguesa com o grafema *X* para indicar o fonema sonoro alveolar /z/ em português. A propósito do fonema /z/ verificamos que havia uma variação de registro nas palavras, que ora poderia ser entendido como surdo, ora como sonoro: *ra^{son}, rason, reson, rasson*. Nas colunas estudadas, a análise da variação da representação gráfica dos fonemas pode ser um rico argumento de estudo para novas pesquisas a fim de identificar a presença de dialetos distintos nessas escritas.

No momento, limitamo-nos a identificar a escrita dos grupos de variantes dos dialetos vênetsos, presentes no jornal e influenciados pelas línguas portuguesa e italiana da época. Os grupos detectados foram: o vênetso central (*padovano, vicentino, polesano*) e o vênetso do norte (*trevigiano, feltrino e bellunese*), de acordo com a classificação de Zamboni (1974). O autor prevê ainda outros dois grupos: o peninsular e de terra firme (*veneziano*) e o ocidental (*veronese*), os quais não identificamos nitidamente no jornal.

Em relação ao grupo do vênetso do norte, percebemos claramente na edição nº 12 intitulada *Dialogo in dialetto di Fonzaso tra pare fiol e nora (dal vero)* a presença do dialeto *feltrino* pelo emprego de palavras como *fis, tant, temp, mort, afaret, gnent, poch, content, adess/ades/adés/adèss, pez, cret e fiol*, o que corrobora a afirmação de Devoto e Giacomelli (1975, p. 33) sobre a característica lexical dos dialetos vênetsos setentrionais:

Per quello che riguarda le vocali in fine di parola, i dialetti veneti hanno risentito evidentemente della pressione gallo-italica, che in Piemonte, Lombardia e Emilia elimina le vocali finali diverse da -A. [...] La pressione gallo-italica si manifesta più chiara di mano in mano che ci si

¹⁷ "Bem, eu, dizer isso em língua italiana não me arrisco, mas no nosso dialeto parece que entendi tudo" (tradução nossa)

allontana da Venezia verso il settentrione, in direzione di Treviso e Belluno.¹⁸

Em relação ao grupo do vênето central (*padovano, vicentino, polesano*), em especial o vicentino, percebemos que quando o som lateral palatal do grafema gl(i) [ʎ] ocorre em palavras do italiano, no dialeto vicentino temos a realização da africada alveolar [dʒ] em presença posterior de ditongo como *Italgia, Lugio, tordigio, consegio, meglio, sfogio, vogio, migliorare*. Outra realização típica do vicentino é a fricativa interdental [d] em *medo*, substituindo a fricativa alveolar surda ou sonora [s] e [z] em *mezo/mezzo > medo fiorin*.

Em consideração a essa breve análise podemos acrescentar que as fronteiras políticas não são equivalentes àquelas linguísticas, sendo esse também um ponto a ser considerado quando analisamos alguma variação.

O jornal *La Libertà* apresenta um material muito rico para análises de vários pontos de vista. Poderíamos ter escolhido uma única edição para fazermos uma análise linguística e cultural profunda. Porém, como o nosso objetivo era demonstrar a grandiosa pluralidade das línguas em contato nesse impresso, decidimos fazer uma análise mais generalizada, evidenciando pontos comuns no maior número possível de edições.

Conclusão

Na escrita deste artigo, buscamos trazer a trajetória do jornal *La Libertà* e o seu lugar, tanto geográfico como no contexto de produção, em conjunto com as colunas que circularam nos dialetos vênéticos, que culminaram no ato de se escrever uma língua que era falada pelos imigrantes.

Esses sujeitos atravessaram o Atlântico e trouxeram consigo alguns costumes e modos de ser e fazer, baseados principalmente na fé católica, na união familiar, nos costumes campestres e em um lugar de origem, com as suas línguas. No Brasil, conseguiram o sonho da terra própria e com o trabalho no campo, precisaram também se adaptar ao comércio e à comunidade local. A escolarização foi uma das rogativas e realidade desses sujeitos, seja através das instituições públicas, que ensinavam a língua

¹⁸ Em relação às vogais no final da palavra, os dialetos vênéticos sofreram pressão galo-italiana, como no Piemonte, na Lombardia e na Emília onde se eliminava as vogais finais diferentes de -A [...] A pressão galo-italiana se manifesta mais claramente à medida que se distancia de Veneza em direção ao norte, em direção à Treviso e Belluno. (tradução nossa)

portuguesa, ou pelas escolas católicas e italianas. Estes sujeitos estavam às voltas de ao menos três línguas, as das escolas e sociedade brasileira (italiano e português) e a materna (dialeto). Neste contexto, podemos pensar que: “Indissociável do instante presente, de circunstâncias particulares e de um fazer (produzir língua e modificar a dinâmica de uma relação), o ato de falar é um uso da língua e uma operação sobre ela” (CERTEAU, 2014, p. 91).

Esse ato de falar na RCI se materializou numa escrita igualmente plural e singular, mostrada ao longo deste artigo. Possivelmente, o jornal poderia ter uma intencionalidade em trazer estes vários dialetos, como uma forma de aproximação destes colonos para a aceitação do impresso e a difusão dos princípios católicos. Porém, para nós, tornou-se uma fonte de pesquisa e de reconhecimento da cultura e das línguas de imigração italiana, escritas antes de *Nanetto Pipetta*.

Infere-se que as colunas em dialeto, no jornal *La Libertà*, não tratam da narrativa de um único sujeito, de um único modo de falar. A diversidade observada anteriormente a *Nanetto* mostra o mosaico linguístico-cultural existente na RCI. Isso reverbera até hoje, quando várias regiões formadas por estes imigrantes trazem traços dessas italianidades e quando temos um reconhecimento nacional da língua Talian, que tem em parte a sua base na história posta neste artigo.

Por fim, colocamos um questionamento que pode inspirar trabalhos futuros: o Talian, tal qual reconhecido hoje, seria a seleção de algumas singularidades destes dialetos, com a junção do italiano *standard* e do português brasileiro de determinadas regiões?

Referências

AZZI, Riolando. *A Igreja e os migrantes. A fixação da imigração italiana e a implantação da obra escalabriniana no Brasil (1904-1924)*. São Paulo: Paulinas, 1988. v.II.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CONFORTIN, Helena. *A faina lingüística: estudo de comunidades bilíngües italo-português do Alto Uruguai Gaúcho*. Porto Alegre: Edições EST/URI - Campus de Erechim, 1998.

COSTA, Rovílio. A imprensa católica nas colônias italianas. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.) *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros - Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p. 492-500.

_____. A literatura dialetal italiana como retrato de uma cultura. In: DE BONI, Luiz Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987, p. 383-404. CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. *Da informação à comunicação: acontecimentos do jornalismo*. Curitiba: Apris, 2016.

DEVOTO, Giacomo; GIACOMELLI, Gabriella. *I dialetti delle regioni d'Italia*. Firenze: Sansoni, 1975.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUCHESE, Terciane Angela. O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930. *Leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita*. São Leopoldo, 2007. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Rio dos Sinos.

_____. *Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na região colonial italiana Rio Grande do Sul - Brasil*. Cadernos de História de Educação, v, 11, n. 2, 2012, p. 667-679.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)*. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Novara: UTET Università, 2008.

ZAMBONI, Alberto. Veneto. In: CORTELAZZO, M. (Org.) *Profilo dei dialetti italiani*. Pisa: Pacini, 1974, 23 voll., vol. 5º.

ZUGNO, Vanildo Luis. *A imprensa e a reforma*. (08/02/2017) *Correio Riograndese*, p. 18-19. Recuperado de <https://www.slideshare.net/VanildoZugno/o-correio-riograndense-e-a-identidade-ecclesia>, em 22/05/2021.

Fontes

GAZETA COLONIAL. *Caxias Progride*. Ano III. N. 153. Caxias, 21/11/1908.

IL COLONO ITALIANO. *Ai nostri lettori*. Ano I. N. 1. S. Teresa di Caixas, 01/01/1898.

LA LIBERTÁ. *Il nostro Programma*. Ano I, N. 1, Caxias, 13/02/1909.

LA LIBERTÁ. Ano I. *Dialogo in dialetto veneto tra Ilarino e Simplicio*. Ano I, N. 1, Caxias, 13/02/1909.

LA LIBERTÁ. Ano I. *Da Bento Gonçalves - Diálogo in dialetto visentin trà Checo, Bepo e Nane*. Ano I, N. 3, Caxias, 27/02/1909.

LA LIBERTÁ. *Segue il dialogo*. Ano I. N. 6, p. 2. Caxias, 20/03/1909.

LA LIBERTÀ. *Cara "Libertà"*. Ano I, N. 8, p. 2. Caxias, 03/04/1909.

LA LIBERTÀ. *Battendo sulla porta, tuch, tuch - Avanti*. Ano I. N. 17, p. 2. Caxias, 05/06/1909.

LA LIBERTÀ. *La diffusione del nostro giornale*. Ano I. N. 22. Caxias, 10/07/1909.

LA LIBERTÀ. *Come se ravvede un ciucheton - in dialetto padoan*. Ano I. N. 27. Caxias, 14/08/1909.

LA LIBERTÀ. *Cessione*. Ano I. N. 43, Caxias, 04/12/1909.

LA LIBERTÁ. *Morta dopo el balo*. Ano I. N. 44. Caxias, 11/12/1909.

LA LIBERTÀ. Ano I. N. 52, p. 4. Garibaldi, 05/03/1910.

VANTI DE NANETTO PIPETTA: ASPETTI CULTURALI E LINGUISTICI DEGLI IMMIGRATI ITALIANI AGLI ESORDI DELLA STAFFETTA RIOGRANDENSE - IL SETTIMANALE LA LIBERTÀ (1909-1910)

RIASSUNTO

L'articolo propone un'analisi degli aspetti storico-culturali e dei dialetti veneti presenti nel settimanale cattolico *La Libertà*. Questo giornale è antecedente alla *Staffetta Riograndense*, in cui sono stati pubblicati le storie a puntate di *Nanetto Pipetta*, punto di riferimento letterario delle lingue di immigrazione dal nord Italia. L'obiettivo è contestualizzare la formazione de *La Libertà* e mostrare la testimonianza di queste lingue orali sul giornale, soprattutto in quei testi legati alla

religione, al lavoro e alla famiglia, in cui emergono rappresentazioni di coloni italiani. La pluralità di questi dialetti è caratterizzata anche dal contatto linguistico con l'italiano e il portoghese.

Parole chiave: dialetti veneti, Nanetto Pipetta, quotidiano *La Libertà*.

Recebido em 28/05/2021.

Aprovado em 30/07/2021.